

O ISLAM, RELIGIÃO SOB O VENTO POLÍTICO - I

DESAPARIÇÃO DO PODER UNITÁRIO: Da Umma real ao Estado nacional

É essencialmente a partir de Bernard Lewis que serão emprestados os termos da análise do fenómeno.

Os árabes, distribuídos em nível elementar em grupos familiares, tribais e clânicos, aceitaram por muito tempo o princípio da dominação turca, em nome de sua pertença à Comunidade Islâmica Universal.

Os quedivas do Cairo, embora reconhecessem a autoridade de Constantinopla, rapidamente se emanciparam. A obediência das populações se dividiu entre a casa do quediva e a Porta, à qual se vinculava todo o Crescente Fértil. A autoridade do Cairo se manteve muito depois da chegada dos britânicos.

I - INFLUÊNCIA DAS IDEIAS OCIDENTAIS

O enfraquecimento do Império Otomano, a emancipação do Norte da África, as reconquistas europeias facilitaram a penetração no Egito, no Oriente Médio e além, no Golfo Pérsico, das potências ocidentais. Suas intervenções política, financeira, comercial e cultural se ampliavam a cada dia. As ideias, os esquemas de organização social vindos da França, em particular, encontravam ouvidos atentos no local, enquanto muçulmanos iam se informar ou estudar em Paris.

O atrativo inicial das ideias de 1789 se explica por seu caráter laico.

“*Esse movimento europeu não cristão, mesmo anticristão, sobretudo anticatólico romano (parecia) capaz de trazer ao mundo muçulmano as receitas do poder e das riquezas ocidentais sem comprometer suas próprias crenças e sentimentos religiosos...*”

"Uma nova classe de políticos e juristas que não eram ulemás ou agentes do poder califal... se estabeleceu... em nome da liberdade, para lutar ao mesmo tempo contra o despotismo interno e o imperialismo estrangeiro."

II - O PANARABISMO

Seus mais importantes teóricos foram o afegão JAMAL-al-DIN al-Afghani (1839-1897), o sírio Abd al-Rahmân al-Kawâkibi (1849-1902) e o maronita Negib Azoury (morto em 1916).

A) AFGHANI

Foi participando do combate contra o inglês que se formou esse pensador-agitação ativo e violento, sempre considerado o teórico do pan-islamismo revolucionário.

Em 1860, ele deixou seu país para pregar a boa palavra. De Constantinopla, onde suas ideias não agradaram aos conservadores, foi para o Egito em 1871. Por suas conferências em Al-Azhar e sua habilidade em falar sobre a dominação dos europeus, exerceu grande influência sobre muitos jovens escritores ou jornalistas, incluindo o Sheikh Muhammad 'Abduh, que se tornou seu discípulo. Sob pressão dos britânicos, o quediwa o expulsou em 1879. Ele foi se estabelecer na Índia, onde passou a criticar violentamente a colaboração muçulmano-inglesa. Levantou-se contra o desenvolvimento do ensino ao estilo ocidental. Reprovava-o por provar a superioridade do estudo das ciências para alcançar o desenvolvimento à europeia de uma nação, sobre o apego aos valores religiosos e aos costumes tradicionais, incitando assim ao ateísmo. Considerava, além disso, a aceitação da ajuda inglesa como um erro imperdoável.

Foi durante sua estada na Índia que eclodiu a primeira revolta nacionalista egípcia visando obter uma nova constituição. Nesse ano de 1882, a intervenção das tropas inglesas rapidamente trouxe a calma.

Após esse fracasso, Sheikh 'Abduh e seu mestre Al-Afghani foram para Paris. Lá, fundaram uma associação islâmica internacional, provavelmente a primeira do gênero. Ao mesmo tempo, lançaram a revista "*O Vínculo Indissolúvel*" em 1883. Os objetivos declarados eram restabelecer a Lei do Islã e fundar um governo islâmico conforme o ideal do Califado primitivo. A estrutura era a de uma sociedade secreta, do tipo confraria. Os textos publicados nos dezoito fascículos ainda constituem a base teórica de todos os movimentos nacionalistas reformistas: despertar a confiança dos muçulmanos em sua religião e civilização tradicional — exortá-los à união contra a dominação ocidental — trabalhar pela aquisição das ciências e técnicas modernas.

Tudo terminou em 1884, e Abduh retornou ao Oriente Médio, enquanto al-Afghani continuava, viajando, seu trabalho de ativista. Ele permaneceu por um tempo em Londres, acompanhando a evolução da situação no Egito e no Sudão. Depois, foi para a Rússia, onde sua intervenção teria garantido um pouco mais de liberdade para seus correligionários.

Certamente chamado pelo Xá, Al-Afghani foi para a Pérsia em 1889. O país sofria forte pressão da Rússia, sua vizinha, e da Inglaterra, senhora do Golfo Pérsico. O Xá concedeu, mediante pagamento, o monopólio do tabaco a uma companhia inglesa. A indignação popular resultante marcou o início da revolução. Al-Afghani se opôs ao Xá e foi expulso. Em um texto preservado até hoje, ele pediu a um religioso de alto escalão que emitisse uma fatwa (decisão jurídica) para proibir o cultivo do tabaco. Ele retornou a Londres e depois voltou a Constantinopla. O assassinato do Xá em 1896 foi executado por um homem, membro de um grupo "Jovens Persas", discípulo de al-Afghani, agindo conforme suas diretrizes. Este morreu em 1897.

B) KAWAKIBI

Funcionário público e jornalista, após passar pela prisão, foi se estabelecer no Egito, como muitos outros opositores da Porta. Provavelmente encarregado de uma missão pelo Khedive, fez uma longa viagem pela África e pela Ásia.

Kawâkibi expôs suas ideias em um livro intitulado "*As Características do Despotismo*" e em artigos publicados pelo jornal caiota Al-Manâr, de Rashid Rida.

Na linha direta dos reformadores muçulmanos, Kawâkibi constatava o declínio da Umma, a falta de laços verdadeiros entre os crentes. Os otomanos eram acusados de ter corrompido a religião ao criar uma hierarquia religiosa. (A mesma coisa seria, mais tarde, censurada ao Xá).

O único remédio eficaz para salvar a Umma: retornar às fontes! Uma única raça, a árabe, fundadora e criadora da cultura islâmica; uma única língua, aquela usada por Gabriel ao se dirigir a Maomé, o árabe literário; um único poder religioso verdadeiro para toda a Umma, um Califa — árabe — residente em Meca.

Esta última ideia, a constituição de uma única autoridade religiosa islâmica, separada de todo poder político, era realmente original.

Esse "papa" poderia, assim, permitir a criação de Estados independentes, cujo governo e política seriam exercidos por uma autoridade laica, senhora de suas decisões e ações.

É certo que a influência das ideias europeias transparece nessa proposta pouco fundamentalista.

Se a evolução histórica da região se realizou no sentido dos Estados Nacionais, nenhuma autoridade religiosa suprema foi estabelecida e não parece estar em vias de sê-lo.

C) AZOURY

Estudou em Istambul e Paris, depois tornou-se funcionário público. Condenado à morte, refugiou-se em 1904 em Paris... onde encontrou os vestígios de Afghani e Abduh.

Após publicar um livro, "*O Despertar da Nação Árabe*", formou uma organização, "*A Liga da Pátria Árabe*", e publicou uma revista mensal, "*A Independência Árabe*", da qual saíram dezoito números.

Ele foi o apóstolo do antissemitismo, da luta contra o poder judeu mundial.

Também foi partidário da separação dos dois poderes, da liberdade religiosa e da igualdade cívica. A constituição do futuro estado libanês seria, de certa forma, a concretização desse pensamento.

III - O NACIONALISMO

Os nacionalistas muçulmanos agitavam-se cada vez mais. Numerosos exemplos lhes eram dados pela Europa.

- Unificação da Alemanha e da Itália graças ao dinamismo da Prússia, por um lado, e da Casa de Piemonte, por outro;
- Recuo do Império Otomano, cujas derrotas permitiram o nascimento dos Estados nacionais gregos, sérvios, búlgaros e romenos.

Além disso, as intervenções estrangeiras permitiriam a penetração da cultura ocidental sob formas muito diversas. As missões católicas e protestantes desempenhariam um papel importante. Os jesuítas e os presbiterianos americanos fundaram escolas no Líbano e na Síria, bem como instituições de ensino superior: a Universidade São José em Beirute em 1875, e o Colégio Sírio Protestante, futura universidade americana, em 1866.

Pouco a pouco, as populações eram sensibilizadas pelas novas ideias.

Chamados erroneamente de teólogos, pois eram essencialmente especialistas em jurisprudência derivada do Alcorão, os pensadores muçulmanos, sob a influência de seus próprios mestres e dos europeus, orientaram-se para a elaboração de doutrinas políticas que afirmavam ser todas conformes à tradição.

Essas teorias destinavam-se, antes de tudo, a conduzir, em um prazo mais ou menos longo, as populações assim trabalhadas ao confronto contra seus próprios governos para se libertarem em um primeiro momento, e depois a se erguerem contra os ocidentais, Estados ou nacionais designados globalmente como exploradores em um segundo momento.

Para os europeus, seria reatualizado o antigo rito bíblico dos dois bodes expiatórios: funcionários, comerciantes, artesãos, clérigos de todas as confissões cristãs... todos colonos e o que representavam, o colonialismo, foram considerados responsáveis e carregados com a totalidade das misérias, fraquezas, faltas e carências dos Filhos de Ismael. COLONO, bode a ser imolado, imolado a Alá!

COLONIALISMO, bode a ser expulso para o deserto para morrer de fome e sede, ou seja, fazer com que seja despojado até mesmo de seus lucros mais justos e forçado à humilhação diante da Umma.

Esses pensadores de novo estilo haviam avaliado a tranquilidade e a passividade dos povos muçulmanos, governados por uma hierarquia árabe-islâmica assalariada pelo poder otomano, quederal ou mesmo europeu e que se beneficiava amplamente de sua posição social.

Eles também consideravam que os Doutores da Lei, pelo imobilismo de seu Direito, não podiam ajudar no despertar de homens submetidos ao poder absoluto de um chefe infalível, encarnação de um Deus inacessível... Um século depois, os chefes são mais numerosos, mas continuam igualmente infalíveis!

Aos jovens árabes, muçulmanos ou cristãos, como Narf'Yazizi ou Brutus Bustani, nacionalistas sinceros, a bagagem cultural dispensada pelo Ocidente permitiu sua integração na elite intelectual e política pronta para liderar o combate pela independência em relação a todos os poderes não árabes.

Pouco a pouco, os ânimos se exaltavam... a violência inerente ao islamismo estava prestes a ressurgir. É preciso reconhecer, de fato, que, durante doze séculos, o assassinato de imames, califas, sultões e outras notabilidades afirmou-se como método usual. As matanças e massacres acompanhados de torturas requintadas, as destruições de túmulos, lugares santos, cidades, o aniquilamento de regiões inteiras provocando o retorno à estepe ou ao deserto de áreas cultiváveis foram de tal magnitude que a inquisição governamental espanhola, as repressões da época luterana na Alemanha, as guerras religiosas europeias, todas as acusações feitas... aos católicos são, comparativamente, apenas simples fatos anedóticos.

O pan-arabismo já se fazia sentir entre os egípcios, mas diante dos persas, que ainda tinham a audácia de recusar o sunismo, o islamismo supostamente ortodoxo, ele reagiria violentamente.

Os xiitas duodecimanos foram, desde o início do islamismo, os mais perseguidos. Entre o povo persa xiita, herdeiro de um passado prestigioso que remonta a Ciro II, o Grande, em 559 a.C., tornado o bastião de uma variante minoritária no mundo muçulmano, e os árabes, identificados com o sunismo, acumulou-se ao longo dos séculos um enorme potencial de ódio e desejo de vingança, do qual a atual guerra Irã-Iraque é apenas um aspecto.

IV - O FIM DO MONOLITISMO

O desenrolar da história provaria a impossibilidade de o cesaropapismo islâmico sobreviver.

Nem César, nem papa! A religião muçulmana só se espalhou e se manteve em um nível primário: um culto mínimo elementar, ritos usuais simples e, sobretudo, uma visão orgulhosa e falsa do social.

Sob a dura orientação do Profeta e dos primeiros Califas, no calor de uma ação violenta e necessária na realização de uma expansão que, aliás, trazia grandes satisfações materiais aos seus autores, o islamismo pôde fazer crer em seu poder unificador totalitário.

Cada variante islâmica, sempre imbuída de si mesma, só pôde obter obediência temporal e espiritual na medida da dureza, da intolerância, da força policial e militar do chefe escolhido ou que chegou por si mesmo, obediência sempre limitada pelas dimensões territoriais.

Não se trata mais da difusão de uma religião, mas da criação de um Estado paraitorário que, ao longo dos séculos, se fragmentou, por força do nacionalismo, em múltiplos poderes igualmente totalitários e policiais. Não serão a Arábia Saudita, os Emirados do Golfo, os dois Iêmenes, o Iraque, a Síria, o Paquistão, a Líbia, a Argélia ou o Irã que provarão o contrário, assim como os Estados muçulmanos da África Negra!

V - AS DUAS CORRENTES IDEOLÓGICAS

Era, portanto, inevitável que no século XIX o pseudomonolitismo islâmico cedesse sob diversas pressões. As mudanças, definitivamente bem-sucedidas ou abortadas mais ou menos rapidamente, obedeceram a critérios que podem ser esquematicamente classificados em duas grandes categorias:

1. Aqueles cujos pensadores e combatentes se diziam, em todos os aspectos, fiéis à tradição islâmica, o que lhes permitia evitar o anátema dos religiosos estabelecidos ou particularmente venerados e apelar à unidade dos Crentes...
2. Aqueles que praticavam a análise crítica da teocracia vivida e desejavam assimilar certos conceitos ocidentais. Esses modernos constatavam que a secularização não pode ocorrer no islamismo, já que ele não comporta nem igreja, nem religiosos, mas exclusivamente leigos, dos quais alguns usam o religioso para fazer política. Propuseram a flexibilização das estruturas do Estado e uma certa separação da Religião, sempre reconhecida oficialmente.

Eis os principais líderes dessas diversas tentativas de tirar o islamismo de sua letargia. Alguns conheceram o sucesso em vida, poucos conseguiram manter e transmitir sua visão da sociedade muçulmana.

OS TRADICIONALISTAS

ou que se afirmam como tais

I - TRÊS INDUS

Esses homens, muito conscientes da exploração descarada de sua pátria pelo ocupante britânico, agiram sobretudo para defender sua religião diante do poder do hinduísmo.

A Índia era um dos países mais antigamente penetrados pelo Ocidente, já que o Tratado de Paris, em 1763, consagrava o domínio inglês sobre o território; ao mesmo tempo em que o Império Muçulmano dos Grãos Mogóis se desintegrava definitivamente.

Pequenos Estados se constituíram. Eram numerosos os governos nem hinduístas nem islâmicos, como os dos Sikhs. Levantes de diversas importâncias ocorreram. A revolta dos Cipayos (1857) resultou em uma severa repressão pelas forças britânicas e em uma desconfiança ainda maior em relação à minoria muçulmana.

A) Em 1824, fundou-se o mais antigo movimento islâmico sob a direção de um bengali. Este último havia permanecido em Meca, onde se constituía o primeiro Estado Wahhabita. De lá, ele extraiu a doutrina que deveria inspirar seus fiéis: por um lado, a desobediência civil em relação ao poder ocupante e, por outro, a aplicação pelos camponeses muçulmanos de Bengala, contra seus ricos proprietários hindus, de um versículo do Alcorão que afirmava: *"Todo homem ameaçado pela penúria, encontrando-se em estado de necessidade, pode tomar do supérfluo alheio os bens necessários à sua própria subsistência."*

O movimento terminou em 1860, com a morte do filho do fundador.

B) Saiyid Ahmed de BAREILLY (1784-1831), considerando que a conquista dos infiéis ingleses havia transformado a Índia em "um território de guerra", pregou resolutamente a guerra santa!

A partir de 1818, suas ideias se espalharam sobretudo em Bengala. Após retornar de uma peregrinação a Meca em 1821, ele lançou o jihad contra... os Sikhs! Encontrou a morte em

combate. Sua sucessão mostrou-se difícil. Por volta de 1863, a agitação estava definitivamente aniquilada.

C) Sir Saiyid Ahmad Shan BEHADUR, aristocrata nascido em 1810, serviu a Companhia das Índias e depois tornou-se funcionário público.

Sua ação marcou profundamente seus correligionários. Ele colocou em destaque o urdu, língua do vale do Indo, e desenvolveu seu uso.

Consciente do risco que os muçulmanos corriam de serem submersos pela maioria hinduísta, ele desejou uma interpretação moderna do Alcorão e da Suna. Incentivou os hindus ao estudo das ciências ocidentais.

No início, pensou em realizar a união entre muçulmanos, hinduístas e cristãos, mas, logo, diante da ascensão do nacionalismo hindu, exortou seus irmãos a fortalecerem sua comunidade.

Ele pode ser considerado o verdadeiro chefe do modernismo muçulmano na Índia e o precursor do comunitarismo que resultou na partição territorial de acordo com as duas religiões mais difundidas.

II - TRÊS EGÍPCIOS

A) Muhammad 'ABDUH (1848-1906) Xequê egípcio, companheiro-discípulo de Jamal al-Din al-Afghani. Ele orientou a contestação em um sentido reformista, isento de violência. Tradutor para o árabe das principais obras de seu mestre, permaneceu na Síria. Lá, insistiu na necessidade de reformar o islamismo em suas aplicações sociais, modificando prioritariamente o ensino e a estrutura dos tribunais religiosos.

Em seguida, retornou ao seu país de origem, onde publicou numerosos artigos na revista "*Le Manar*", que pretendia ser herdeira de "*O Vínculo Indissolúvel*", sua antiga publicação parisiense.

A retomada do movimento nacionalista fez com que fosse nomeado em 1899 Grão-Mufti e membro do Conselho de Administração da Universidade Al-Azhar. Sua obra tornou-se apologética:

“A religião muçulmana é racional, tolerante e liberal. O Islã foi para a Europa um fator de progresso pela influência que exerceu sobre as origens da Reforma e do Renascimento!”

Além disso, o Grão-Mufti tomou várias decisões (fatwas) que liberalizavam a lei religiosa.

Segundo os islamólogos, ele foi um dos que mais incentivaram os muçulmanos a se abrirem amplamente à civilização europeia, permanecendo, no entanto, firmemente apegados à sua religião.

Há nessa proposta muitos elementos contraditórios, dados inconciliáveis... Se o progresso técnico pôde – de forma muito desigual segundo os estados – ser um tanto assimilado, nada mudou

fundamentalmente nas estruturas sociais e nos costumes!

B) Rashid RIDA (1865-1935). Nascido em Trípoli, no Líbano, fixou-se no Egito a partir de 1897. Foi discípulo do anterior e fundou o periódico *Al-Manar*, muito lido no mundo islâmico.

Muçulmano sincero, recusou-se a fazer do Islã a manifestação do gênio árabe, mas insistia no papel primordial dessa etnia na emancipação e expansão dos povos convertidos.

Moderado, não fez campanha alguma pela separação do Egito e da Porta. Embora tenha apoiado por certo tempo o movimento "Jovens Turcos", desaprovou muito rapidamente suas ações antirreligiosas e anti-islâmicas. Após o golpe militar de janeiro de 1913, Ridâ e sua revista orientaram-se para o wahabismo.

Tornou-se apologista do Islã primitivo e conduziu o reformismo num sentido mais conservador do que o imaginado por Afghani e Abduh.

A ideia árabe, pan-árabe, havia encontrado um grande defensor. O centro pensante dessa sinergia árabe-muçulmana era a Universidade Al-Azhar, e o difusor, o *Al-Manar*. Essa influência fez-se sentir no Norte da África.

Os ulemás reformistas, entre as duas guerras, despertaram um sentimento nacional que pretendia ser ao mesmo tempo árabe e muçulmano.

C) Hasan al-BANNA (morto em 1949), modesto professor primário, mais inclinado ao sufismo, movido por uma vontade de reforma moral estrita da comunidade muçulmana, criou nesse espírito o movimento **"OS IRMÃOS MUÇULMANOS"**, verdadeira irmandade ainda poderosa e ativa atualmente.

III – OS IRMÃOS MUÇULMANOS

Um primeiro núcleo existiu desde 1928 em Ismailiya. A associação surgiu oficialmente no Cairo em abril de 1929 e, quatro anos depois, Hasan al-Banna ali se estabeleceu. Em 1936, tornou-se permanente. Pouco depois, saiu o primeiro número do jornal dos Irmãos. Dois outros teóricos, o líder religioso Hudaybi e Abd al-Qadir al-Uda, tornaram-se os guias ideológicos após a execução do líder.

Este tinha o título de "Guia Supremo". A atividade da irmandade foi inicialmente exclusivamente religiosa, educacional e beneficente.

A partir de 1936, tomando partido dos árabes palestinos contra o sionismo e o ocupante inglês, sua luta tornou-se política. Organizaram uma espécie de exército, bastante poderoso, cujos elementos foram engajados em diversos lugares.

Em 1948, um Irmão assassinou o Primeiro-Ministro que tentava quebrar sua influência. No ano seguinte, a polícia do rei Farouk eliminou o "Guia".

A Irmandade tinha laços estreitos com o Comitê Secreto, diretor do grupo dos "oficiais livres" que, em 1952, com o Coronel Abd al-Naser, tomaram o poder. A boa harmonia não durou, o regime se afirmava moderno demais.

A partir de 1953, após a execução de al-Uda, os Irmãos entraram na clandestinidade.

Eles souberam infiltrar-se na administração e no exército de muitos Estados árabo-muçulmanos. Assassinato e subversão são suas principais armas para tentar derrubar governos e estadistas considerados ímpios.

Eles eliminaram Sadat no Egito e condenam à morte os infiéis como o alauíta sírio Hafez al-Assad e o iraquiano Saddam Hussein... Eles estão muito presentes no Golfo com a Organização da Revolução Islâmica; na Jordânia com o Partido da Libertação Islâmica, que teria sua sede na Alemanha Ocidental.

O Fatah de Yasser Arafat, a mais importante das organizações palestinas, está politicamente ligada aos Irmãos. O Exército de Libertação Palestina carrega sua marca...

No Irã, eles se espalharam sob a forma da organização Fidayan-e Islam, de atividade terrorista e da qual Khomeini era próximo.

Eles se manifestaram no Sudão, na Tunísia, na Líbia... etc. É pensando neste Estado dirigido pelo Coronel Kadafi que é interessante deter-se na ideologia do visionário Hasan e de seus discípulos.

A DOCTRINA DOS IRMÃOS MUÇULMANOS

Eles pedem aos muçulmanos que superem suas divisões dogmáticas e suas querelas. Eles os convidam a uma vasta reunião comunitária e à realização de novas tarefas.

Primeiramente, a ação nacionalista: libertar integralmente os países muçulmanos da dominação estrangeira em todos os seus aspectos e recuperar a Palestina vendida aos judeus pelos ingleses. Ele englobava nesta luta de libertação o Turquestão e as Repúblicas muçulmanas da URSS, bem como o Afeganistão, que sentia ser cobiçado por Moscou. Poderia assim ser criado para os muçulmanos da Diáspora um Estado independente, poderoso, cujo Islã seria a religião e ao qual poderiam pedir ajuda e proteção.

Hasan imagina então o que será esta pátria muçulmana assim reencontrada e inalienável: Um Estado independente capaz de se libertar das influências ocidentais (os EUA ainda não eram estigmatizados!) para retornar ao espírito do Islã como Deus e seu Profeta o definiram...

Um Estado pluralista ou unitário que não será propriamente um estado teocrático. Hasan o vê como uma república califal: o líder livremente escolhido pelos membros da Comunidade (que conteúdo ele dá a este termo?) deverá ter as qualidades exigidas pela tradição sunita, com exceção da linhagem coraixita.

Estado totalitário, mas também Estado comunitário e cooperativo, onde governantes e governados, ligados por uma mesma fidelidade ao Alcorão, devem trabalhar em conjunto para os

mesmos fins comuns. Os detentores da autoridade deverão recorrer à consulta de seus administrados, que devem expressar, sob a forma de bons conselhos, seus sentimentos pessoais visando o bem comum. Os líderes devem ordenar o bem e proibir o mal...!

O Estado modelo não é nem um Estado submetido à ditadura marxista ateia, nem um Estado capitalista baseado na busca do lucro por particulares e que busca fazer de seus bens e de seu poder o fim último de sua ação. É um Estado socialista (utópico) onde o rico é amigo e associado do pobre. Submetido à ética imposta pelo Alcorão e pela Suna, assumido por um ideal de paz e reconciliação, exige de todos os seus membros uma vontade de abnegação e pureza moral, da qual apenas o Islã, ao retornar às suas fontes, pode dar o exemplo salvador em um mundo cada vez mais invadido pelo materialismo e pelo mercantilismo.

Sem colocar em dúvida a fé e a sinceridade de Hasan, é patente que este Estado ideal, objetivo atribuído à atividade dirigida dos crentes por chefes, emanção de Deus, únicos autorizados e infalíveis para designar o caminho a seguir e para definir, segundo seu humor e a busca de eficácia, o bem e o mal do momento, pertence à mesma categoria de engodo, de promessas irrealizáveis, mas mobilizadoras, expressas pelos marxistas. Já Marx e Engels, em seu Manifesto, anunciavam a realização... a prazo, de um sistema associativo onde *"o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos"*... Bukharian precisava: na sociedade de amanhã, *"não há proletários, nem capitalistas, nem operários assalariados; há apenas simples humanos, camaradas... Tudo será supérfluo. Os produtos serão abundantes... Cada um retirará do depósito comunal o que precisa e tudo estará dito... Cada um poderá pegar o que lhe for necessário, além disso, o dinheiro não terá valor..."*

A ambição de realizar o Estado idílico foi a de quase todos os chefes de governo árabes e muçulmanos. Devido à religião, sempre andou de mãos dadas com a esperança de ser o congregador e o guia supremo da comunidade. Era o sonho de Gamal Abdel Nasser, que confiava em 1957 a Benoît Méchin sua certeza da unidade do mundo árabe, apesar da diversidade de raças, dialetos e seitas, reprovando ao Ocidente por ter feito uma espécie de balcanização, uma brasa de discórdia! Esse sonho, ele o transcreveu em sua *"Filosofia da Revolução"*. Ele se via mestre de um Império composto por três círculos: o Egito como zona central, ao redor dele o mundo árabe e, em seguida, o mundo islâmico. Se pôde realizar por um tempo a fusão com a Síria de Choukri Kouatly, o sonho durou apenas três anos! Ele teve ao menos a franqueza de suas ideias, pois é certo que todo chefe árabe de um Estado militarmente poderoso será sempre tentado a fazer o papel de Califa. O Rei da Arábia não é o protetor de toda a península e o fiscal do respeito à sharia em outros Estados aos quais faz esmola? Os Generais no poder no Iraque e, sobretudo, na Síria, não têm essa intenção oculta? Hafez al-Assad já se vê à frente de uma grande Síria. O Coronel Khadafi, por sua vez, soube realizar uma estrutura administrativa próxima da imaginada por Hassan. Ávido por fusão com uns ou outros, ele se vê um dia unificador do Norte da África, dos muçulmanos negros do Sul e vingador da afronta que representa, para todo muçulmano coerente, a existência de um Estado judeu na Palestina. Isso dá muitos candidatos ao poder supremo. A luta será acirrada!

IV - UM SUDANÊS

Muhammad Ahmed b. Abd Allah (1843-1885) e a confraria dos Ansares.

Este homem, que não podia imaginar seu triunfo... um século depois, era súdito do Quediva do Cairo.

Este, de fato, após sua vitória sobre os Wahhabitas, havia constituído um pequeno império africano, estendendo seu domínio para a costa do Mar Vermelho e a bacia superior do Nilo. Seus colaboradores eram frequentemente europeus. Cartum, capital do Sudão, fundada em 1822, Charles Gordon, britânico, foi nomeado governador do novo estado em 1874. Ele conquistou o sul, em direção a Darfur e aos pântanos do Bahr al Ghazal, campanha onde a República abandonou os intrépidos Marchand e Baratier...

Provavelmente sob pressão dos europeus, o Quediva havia começado a lutar contra o tráfico de negros, comércio para o qual os muçulmanos nômades e os beduínos das grandes tendas se tornaram, desde 666, verdadeiros especialistas.

Amar b. Abd Allah, homem de condição muito humilde, filiou-se aos dezoito anos a uma confraria sufi cujo superior morava em Cartum. Retirou-se para uma ilha do Nilo Branco e, declarando-se o Mahdi, começou a pregar, afirmando ter voltado à Terra para libertar o país dos egípcios e dos ocidentais. Tendo encontrado numerosos adeptos, sendo o medo de ver o tráfico terminar um motivo para muitos deles, a insurreição armada começou em 1881. Após inegáveis sucessos, incluindo o saque de Cartum, onde Gordon Paxá encontrou a morte, o Mahdi sucumbiu durante um confronto. Seu sucessor, árabe sudanês, Abd Allah, dedicou-se a difundir a religião. A reconquista começou com a vitória dos anglo-egípcios em Toski, em 1889. O general Kitchener encerrou as operações com a tomada da capital em 1898. O Califa Abd Allah morreu em combate um ano depois.

Segundo os especialistas, o Mahdi descendia não apenas dos dois filhos de Fátima e Ali, mas também de Abas, tio de Maomé. Sua doutrina era uma mistura de sufismo, xiismo e wahhabismo. Pregando, como todos esses chefes, o retorno à unidade, a união ao seu redor de todos os que se revoltavam contra a corrupção do regime visado, ele foi o defensor de uma Lei revelada puritana e estritamente aplicada... Com seu desaparecimento, o Sudão não havia terminado de ouvir falar da sharia pura e dura.

O filho do Mahdi, Abdul Rahman, Xeique da Confraria dos Ansares, conseguiu manter a influência das ideias fundamentalistas. O Presidente General Nimeiry teve que manter a rigidez da Lei.

Recentemente, após a queda do General em 1985, as eleições gerais de 1986 levaram à presidência do Estado o bisneto do Mahdi e Xeique dos Ansares.

V - UM ARGELINO

Muhammad ben Si Ali ben Senoussi (1791-92-1892); seu reino e sua confraria.

Ele nasceu na douar Thorah, entre os Ouled Sidi Yousef, perto de Mostaganem.

Sua família descenderia de Maomé através de Hasan, filho de Fátima e Ali, e depois de Idris, que chegou ao Marrocos por volta de 786 e cujo filho fundou o primeiro reino em Fez.

Aos trinta anos, deixou a Argélia para essa cidade, onde estudou por sete anos antes de fazer a peregrinação a Meca. Ao longo do caminho, foi iniciado em diversas Irmandades, especialmente na dos Khadiriya.

A doutrina dessa Ordem teria sido revelada diretamente por Alá ao Xarife marroquino de Fez, Si Abd el Aziz ben Debbar, no final do século XVII, início do século XVIII. O terceiro sucessor do fundador, tendo ido a Meca, lá ensinou por trinta e seis anos, até sua morte em 1835.

Si Muhammad ben Senoussi havia sido notado na Universidade Al-Azhar pela ousadia e intransigência de suas ideias. Seu tema fundamental era a luta contra as invasões europeias e os meios considerados, da hostilidade latente ao Jihad.

Diante dessa atitude, o Xequie egípcio El Harrich lançou contra ele um verdadeiro anátema e até tentou envenená-lo. Si Senoussi guardou por toda a vida o ódio ao Egito.

Com a morte do Xequie dos Khadiriya, fundou sua própria Irmandade na Zawiya de Abu-Qubais. Em 1843, foi para o Djebel Lakhdar, na Tripolitânia, onde construiu em El Beïda uma nova Zawiya. Tornou-se o verdadeiro soberano de um território limitado ao norte pelo Mediterrâneo, de Alexandria a Gabès, estendendo-se ao sul até os países negros.

Por volta de 1885, enfrentando a animosidade ativa dos otomanos, dos Ulemás de Constantinopla, dos egípcios e de Meca, desceu mais ao sul e instalou a capital de sua Ordem em Djerboud, perto do oásis de Siuá. Formou muitos missionários que subjugaram toda a África Central à Ordem. Em sua morte, quatro anos depois, foi enterrado em sua capital.

A doutrina dos Senoussiya é profundamente influenciada pelo Wahhabismo e pelas ideias de Al-Afghani e de seu discípulo Mohamed Abdu, que foi Grande Mufti do Egito. Ela busca devolver ao Islã a pureza literal dos tempos primitivos, portanto, reaplicar as grandes leis religiosas, morais e sociais instituídas pelo profeta, defendê-las e propagá-las. A influência e o poder da Ordem são imensos. Um fato testemunha exatamente isso: no início deste século, a Província do Hejaz (Medina, Meca...) na Arábia Saudita era considerada uma província espiritual do Imamato de Djerboud.

A Senoussiya se queria e ainda se quer a barreira que, em nome de Alá, o Islã regenerado opõe à invasão das ideias e costumes europeus. Essa oposição se estende não apenas às elucubrações das seitas maçônicas, mas a todo o conjunto socialista-marxista.

Essa vontade teocrática pan-islâmica ainda se afirma nas doutrinas de todas as Ordens religiosas, em todo o ensino oficial, normal e ortodoxo das escolas públicas muçulmanas.

A priori infiltrada em todos os movimentos fundamentalistas, a Senoussiya, no entanto, sempre se recusou a se deixar arrastar para a luta aberta contra uma nação europeia.

Recusou a ajuda solicitada pelo Mahdi em sua luta contra os ingleses, não mobilizou o conjunto muçulmano para ajudar o Emir Abd el Kader, finalmente capturado pelos franceses, embora seu pai fosse o Xequie da importante irmandade dos Qadriya, e não participou no Marrocos da Guerra do Rife.

É certo que a Irmandade dos Rahmaniya, muito próxima dos Senoussiya, desempenhou um grande papel na insurreição de 1871 na Cabília. Ela foi provocada pelo injusto decreto do judeu Adolphe Crémieux, ministro da justiça após a partida de Napoleão III, que naturalizava franceses seus correligionários argelinos, proclamando assim a superioridade do judeu nativo sobre o berbere ou o árabe muçulmano, enquanto, ao mesmo tempo, em Wissembourg, no Exército do Reno, como nos Exércitos do Loire e do Leste, os muçulmanos davam milhares de vidas pela França.

A terrível repressão, confisco em massa dos bens dos nativos muçulmanos concedidos aos judeus residentes, envio para a prisão na Nova Caledônia dos notáveis, incluindo o velho Xequie El Haddad e seu filho Si Aziz, que escapou em 1881 e se refugiou em Meca, não levaram o Xequie dos Senoussiya, principal irmandade, única capaz de proclamar a jihad e ser obedecida, a convocar a guerra santa.

Desde as Cruzadas, o Estandarte Verde do Profeta não se desdobrou em nenhum campo de batalha...!

Mas é necessário voltar a Si Muhammad. Com sua morte, seu filho mais velho, Si el Mahdi ben Si Ali ben Senoussi, chamado pelos europeus de Xequie Senoussi e pelos muçulmanos de Xequie el Mahdi, o sucedeu.

Ele deslocou ainda mais ao sul a capital da Ordem: para Kufra em 1895 e depois, em 1899, para Gouro, abaixo do Trópico de Câncer. Esse deslocamento para o sul manifestava a vontade de expansão do Islã e dos afiliados em direção a Borkou, Fezzan, Tibesti, Karem e à África negra, opondo-se à penetração saariana e católica.

Essas forças obrigaram Ahmad al-Sharif, novo Xequie desde 1902, a recuar para Kufra. A partir de 1911, os italianos iniciaram a ocupação da Tripolitânia e do Fezzan. Em seus combates contra os soldados europeus, franceses, italianos ou ingleses, o Xequie recebeu a ajuda dos otomanos, aliados dos alemães. O episódio sangrento do assassinato do Padre de Foucauld foi atribuído aos Senussi. Isso parece um erro. Trata-se, mais simplesmente, de um ato terrorista cometido pelos primeiros fellaghas de Si Mohammed Labeled.

De qualquer forma, a morte do grande marabu francês acrescentou muito à notoriedade de Ahmad al-Sharif, que foi, por esse motivo, simbolicamente designado em 1921, em Ancara, como rei do Iraque. O Xequie morreu em 1933 em Medina.

Desde 1914, o Mestre da Ordem era seu primo Sayed Idriss. Após múltiplas peripécias, a formação do Eixo para a 2ª Guerra Mundial lhe deu uma chance; refugiado no Egito, teve, no entanto, que esperar o final de 1951 para se tornar o 1º rei constitucional da Líbia independente.

Dezoito anos depois, o Coronel Kadafi o derrubou.

Mas a SENOUSSIYA continuou, tornando-se a principal força oculta do Islã.